

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Vanda Aparecida dos Reis

**O TRABALHO COM AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS POR MEIO DA NATUREZA  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte  
2015

Vanda Aparecida dos Reis

**O TRABALHO COM AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS POR MEIO DA NATUREZA  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Maria Carolina da Silva Caldeira

Belo Horizonte

2015

Vanda Aparecida dos Reis

**O TRABALHO COM AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS POR MEIO DA NATUREZA  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Maria Carolina da Silva Caldeira

Aprovado em 9 de maio de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Maria Carolina da Silva Caldeira – FaE/ UFMG

---

Lívia Maria Fraga Vieira - FaE/ UFMG

## RESUMO

Quando criança tive a oportunidade de conviver em meio à natureza. Hoje as crianças das grandes cidades como Belo Horizonte vivem em um ambiente cercado de casas, muros, asfaltos e comércio. A aproximação com a natureza é de fundamental importância no dia-a-dia da criança na educação infantil. Por isso é objetivo geral deste trabalho analisar as possibilidades e limitações de utilizar a natureza para trabalhar com as múltiplas linguagens na educação infantil. Nele, foi proposta uma pesquisa qualitativa que usou como instrumentos entrevistas, observação, registro através de fotos e o trabalho com as linguagens por meio da natureza. Desloquei-me para a UMEI Lagoa e apliquei um projeto de intervenção onde realizei o trabalho com as múltiplas linguagens por meio da natureza. Sendo elas as linguagens matemática, corpo e movimento, música, digital, plástica, escrita e oral. Trabalhei com a concepção de linguagem como expressão do pensamento, instrumento de comunicação e forma de interação. Além disso, minha concepção de natureza é tudo que nos rodeia e que não foi criado pelo homem. Como sol, mar, céu, nuvens, terra, plantas, animais, vento, incluindo o homem como parte desse universo e de infância foi a seguinte: independentemente de sua origem, de sua cultura e do meio social em que vive a criança possui direitos que são iguais para todas, como: brincar, cuidados, vivenciar a natureza, expressar suas ideias, ter opiniões próprias. Após o desenvolvimento do meu plano de ação a conclusão a que cheguei é de que se as crianças são seres da natureza e estão vivenciando a aprendizagem utilizando seu corpo juntamente com outros elementos da natureza, elas se sentem inseridas no processo, passando a compreender as linguagens trabalhadas. A natureza então deixa de ser apenas uma paisagem ao nosso redor para ser um recurso pedagógico.

**Palavras-chave: educação infantil - natureza – múltiplas linguagens**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado tanta força e coragem em um momento de perdas de pessoas que eram caras ao meu coração.

A minha mãe por não ter medido esforços para que eu chegasse até o final do curso me apoiando e cuidando do meu pai até seu falecimento.

A UMEI Lagoa que me recebeu de braços abertos propiciando meu plano de ação. Principalmente a vice – diretora Juliana, a coordenadora Débora, crianças da turma abelhinha, e as educadoras Eliane e Kayala que foram minhas parceiras. Sem elas esse trabalho não teria sido possível.

A Maria Carolina minha orientadora pela sensibilidade em compreender o tema. Pela compreensão diante das minhas dificuldades, pela amizade que se estabeleceu entre nós e por tanta generosidade na leitura dos meus textos.

A minha colega de sala Edilene Olímpio pelo carinho dispensado a mim ao longo do curso compartilhando comigo referencial teórico que se encaixava no meu tema.

Obrigada a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

## Os Direitos Naturais da Criança

1. *Direito ao ócio: Toda criança tem o direito de viver momentos de tempo não programado pelos adultos.*
2. *Direito a sujar-se: Toda criança tem o direito de brincar com a terra, a areia, a água, a lama, as pedras.*
3. *Direito aos sentidos: Toda criança tem o direito de sentir os gostos e os perfumes oferecidos pela natureza.*
4. *Direito ao diálogo: Toda criança tem o direito de falar sem ser interrompida, de ser levada a sério nas suas ideias, de ter explicações para suas dúvidas e de escutar uma fala mansa, sem gritos.*
5. *Direito ao uso das mãos: Toda criança tem o direito de lidar com madeira, de lixar, colar, amarrar, modelar.*
6. *Direito a um bom início: Toda criança tem o direito de comer alimentos saudáveis desde o nascimento, de beber água limpa e respirar ar puro.*
7. *Direito à rua: Toda criança tem o direito de brincar na rua e na praça e de andar livremente pelos caminhos, sem medo de ser atropelada por motoristas que pensam que as vias lhes pertencem.*
8. *Direito à natureza: Toda criança tem o direito de construir uma cabana nos bosques, de ter um arbusto onde se esconder e árvores nas quais subir.*
9. *Direito ao silêncio: Toda criança tem o direito de escutar o rumor do vento, o canto dos pássaros, o murmúrio das águas.*
10. *Direito à poesia: Toda criança tem o direito de ver o sol nascer e se pôr e de ver as estrelas e a lua.*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> [http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric\\_mov/cad\\_curric/3educ\\_infantil.pdf](http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric_mov/cad_curric/3educ_infantil.pdf) acessado em 20/04/2015 às 20h56min

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>11</b>
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 Concepções de natureza.....</b>	<b>13</b>
<b>3.2 Concepções de infância/criança.....</b>	<b>17</b>
<b>3.3 Concepções de linguagem.....</b>	<b>21</b>
<b>4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA UMEI .....</b>	<b>24</b>
<b>5. ANÁLISE DO PLANO DE AÇÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>5.1 Múltiplas Linguagens .....</b>	<b>26</b>
<b>5.2 Entrevistas .....</b>	<b>39</b>
<b>5.3 Espaços Físicos .....</b>	<b>41</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>
<b>8. ANEXOS .....</b>	<b>47</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O tema desta monografia é o trabalho com as múltiplas linguagens por meio da natureza na educação infantil. A natureza está em toda parte. De acordo com Green (2004, contra capa) “As árvores, as flores, os pássaros, os rios, os animais, as pessoas... tudo isso é parte da natureza”.

É um recurso que temos em abundância e está ao alcance de todos. Como descrito por Green (2004, p. 4). “A natureza é tudo o que nos rodeia, desde as grandes árvores até os caramujos e as minhquinhas.” Mas nem sempre a valorizamos e a respeitamos. É necessário que desde pequena a criança aprenda a respeitá-la e a se reconhecer como um ser da natureza. A aproximação com a natureza é de fundamental importância no dia-a-dia da criança da educação infantil. No entanto, o contato direto com a natureza, dentro ou fora de sala de aula, precisa ser estimulado pelo educador. Na maioria das vezes, estamos acostumados apenas a falar da natureza e de sua importância na vida dos seres humanos e na sociedade, mas não levamos às crianças a tocarem, a sentirem, a mexerem e aproveitar os recursos que a natureza nos proporciona, nem a se perceberem como parte da natureza. Ao se utilizar os recursos naturais na educação infantil em práticas que envolvem as múltiplas linguagens (matemática, música, corpo e movimento, digital, plástica, escrita e oral) a criança aprenderá a valorizar o meio em que vive.

A escolha dessa temática tem íntima relação com minha infância. Pois quando criança tive a oportunidade de conviver em meio à natureza. Nasci em um lugarejo chamado Santa Tereza do Bonito que hoje é distrito de Peçanha – MG. Toda a região era cercada pelo verde das matas e pelo colorido das flores. Acordava com o canto dos pássaros, saboreava o leite fresquinho tirado da cabra. Tomava banho no rio e me secava com o calor do sol brincando com os peixes tilápias e lambaris tão comuns na região.

Aprendi desde criança a valorizar o cheiro da terra molhada pelo cair da chuva, a luz do vaga-lume iluminando o breu da noite. O canto das cigarras com suas belas cores. Tudo exploração e encantamento. Ainda me lembro do cheiro do abacaxi cultivado na casa da minha avó, do gosto da taioba e tantas verduras e legumes colhidos na nossa horta. O canto dos pássaros nas diversas estações e muita alegria povoada por um modo de vida onde a natureza me ensinou a valorizar a vida através de seus sons, cores, sabores, e aromas.

Nunca me esqueci desses belos momentos vividos na infância. Com oito anos de idade mudamos para a capital Belo horizonte. Mesmo depois de passados os anos, procuro manter

contato com a natureza e seus ensinamentos. Ao iniciar o trabalho na educação infantil como voluntária em uma creche na cidade de Contagem, percebi que as crianças nessa idade são curiosas e querem conhecer e compreender o mundo. Todavia, com o crescimento das cidades, a natureza ficou escassa. As crianças da região do bairro Lagoa em Venda Nova, local onde realizei meu plano de ação, não têm a mesma oportunidade que eu tive na minha infância. Seu ambiente é cercado de casas, muros, asfaltos e comércio. Nesse contexto senti o desejo de compartilhar esses saberes adquiridos na infância.

Autores do campo da psicologia ambiental (Profice, 2010) afirmam que as crianças apresentam uma tendência à aproximação e familiaridade com seus elementos, uma afeição pelas coisas vivas, denominada biofilia; na medida em que são afastadas dos ambientes naturais, esta afeição pode não se desenvolver, gerando, ao contrário, sentimento de desapego e indiferença ao mundo natural. (TIRIBA, 2010, p. 7)

Tendo em vista esse interesse das crianças, é objetivo geral deste trabalho analisar as possibilidades e limitações de utilizar a natureza para trabalhar com as múltiplas linguagens na educação infantil. Para isso meus objetivos específicos são: Propor as crianças à exploração de elementos da natureza no trabalho com a linguagem matemática, música, corpo e movimento, digital, plástica, escrita e oral. Identificar de que forma ocorre o contato da criança com os elementos da natureza presentes nos espaços da UMEI Lagoa. Descrever as reações das crianças ao manipular e explorar diferentes elementos da natureza. Verificar e registrar a existência ou não dos elementos da natureza no trabalho realizado na UMEI Lagoa.

Metodologicamente, este trabalho adotou a pesquisa qualitativa. Isso se dá porque não vou trabalhar com números ou gráficos. A pesquisa ocorrerá com participação efetiva, observação e registro do cotidiano das crianças na UMEI Lagoa.

A metodologia de pesquisa para Minayo (2003, p. 16) “é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade”. Sendo assim o primeiro passo é registrar através de entrevistas com as professoras a existência ou não dos elementos da natureza no trabalho realizado na UMEI Lagoa. A entrevista de acordo com Lakatos (2002, p.198) “dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos”. O segundo passo é fotografar todo o espaço da UMEI Lagoa verificando de que forma o espaço dialoga com a natureza. Observar e descrever relatos das reações das crianças manipulando e explorando diferentes elementos da natureza será o terceiro passo a ser desenvolvido. Essa observação será participante. O pesquisador participante para Lakatos (2002, p. 194) “incorpora ao grupo, confunde-se com ele”.

Acrescenta ainda que “Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste”.

O presente trabalho será composto por quatro partes. Na Primeira apresento à justificativa, na segunda meu referencial teórico, na terceira a contextualização da UMEI e por último a análise do plano de ação.

## 2. JUSTIFICATIVA

São vários os fatores que motivam a pesquisa o trabalho com as múltiplas linguagens por meio da natureza na educação infantil. Dentre eles temos: Minha experiência com o oitavo e nono ano na Escola Municipal Professor Moacyr Andrade (EMPMA), o contexto geográfico da UMEI Lagoa, o uso dos sentidos, material concreto, ludicidade, e o aproveitamento de experiências já realizadas na escola.

Desde 2010 utilizo os elementos da natureza na Escola Municipal Professor Moacyr Andrade como auxílio no estudo da disciplina de História no oitavo e nono ano. Cito como exemplo uma aula ministrada por mim sobre a sociedade brasileira. Convidei os alunos do nono ano para descermos até o pátio da escola onde se localizam diversas árvores. Solicitei que sentássemos ao redor de uma grande mesa que lá se encontra e que observássemos uma árvore próxima. Em seguida pedi que todos a desenhassem e a comparassem a sociedade brasileira escrevendo ao lado de cada parte dela, partindo da raiz até os frutos a história brasileira. Chegaram à conclusão que a raiz é o nosso passado colonial marcado pela dizimação das tribos indígenas e pela escravidão negra deixando vestígios até hoje. Que o tronco simboliza o povo brasileiro que com seu trabalho sustenta nosso país. A copa é o Brasil hoje. Os frutos simbolizam nossas conquistas, riquezas e heranças adquiridas ao longo da história. Como futebol, praias, corrupção, preconceito, floresta amazônica, carnaval, favelas, dentre outros.

Essas experiências me levaram a acreditar que poderia ser possível utilizar esses elementos para trabalhar as múltiplas linguagens com as crianças, porque nessa idade, as crianças são muito curiosas e interessadas por explorar e experimentar novas possibilidades de conhecimento. A natureza aparece, então, como um elemento que permite estabelecer múltiplas relações, articulando o conteúdo estudado com o dia a dia. Por meio dessas analogias, torna-se possível promover situações de aprendizagem significativas para os alunos, tanto do ensino fundamental, como da educação infantil.

Uma segunda justificativa é contexto geográfico da UMEI Lagoa. Ela é cercada pela natureza. Lá é possível encontrar pés de bambu, amora, manga, urucum, banana, ameixa e jambolão. Além disso, várias plantas estão dispostas nos corredores. O parquinho local onde as crianças têm acesso para brincadeiras é de terra permitindo a manipulação de barro e diversas árvores para descanso em sua sombra. Podendo ainda aproveitar esses momentos de brincadeiras ao ar livre para apreciarem as nuvens, o céu e os pássaros que pousam na grama em busca de descanso. Nesse mesmo contexto geográfico é tradição da escola as crianças

ouvirem histórias debaixo das árvores e colher amoras no pé e está sendo construída uma horta com diferentes legumes e hortaliças.

A terceira justificativa é o fato do trabalho com a natureza enfatizar o uso dos sentidos. As crianças podem observar as tonalidades das folhas das árvores, textura das plantas, cheiro de terra molhada, sabor das frutas, ouvir o balançar das folhas com o vento. Isso é importante para as crianças porque percebemos o mundo através dos sentidos. Utilizando a visão, audição, tato, olfato e paladar, a aprendizagem se torna mais significativa.

Um quarto fator para justificar esse tema é o trabalho com o concreto e o envolvimento das crianças. É uma forma da criança ter acesso aos elementos da natureza no trabalho com as múltiplas linguagens. Aprendendo a linguagem matemática usando sementes, folhas, pedras para medir, contar, ouvir música manipulando sons de bambu e do próprio corpo. É possível trabalhar o corpo e movimento comparando com as plantas e suas fases, a linguagem oral ouvindo os sons de animais, possibilitando as crianças comunicarem suas ideias ou sentimentos e praticar a argumentação, na linguagem escrita aprendendo o alfabeto com o próprio corpo, a linguagem digital se deslocando para o entorno do prédio da UMEI observando e fotografando o ambiente.

Um quinto argumento é o custo. Esse recurso não custa nada. Podem ser encontrados dentro da UMEI, no seu arredor, na casa da educadora e na casa da criança. Esses elementos estão ao alcance de todos. Podendo inclusive ser observado pelas crianças da janela da sala da UMEI. Elas são amplas permitindo observar o céu, nuvens, árvores, chuva, raios, sol, pássaros voando e as plantações do espaço da UMEI.

E por último a observação de que as professores da UMEI já tem o hábito de trabalhar com elementos da natureza, porém confeccionados com materiais artificiais como: flores de papel crepom, borboletas de papel cartão, abelhas de emborrachado. Por que então não aproveitar os elementos naturais já que eles estão presentes nos espaços da UMEI?

Concluindo, poderia ainda citar também outros argumentos para o uso da natureza, como a ludicidade, o interesse dos alunos, a contribuição para a sustentabilidade do planeta e o fato de ser escasso a bibliografia do tema pesquisado.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Concepções de natureza

Ao analisar a história do ocidente percebe-se que há uma apropriação de concepções de natureza mudando de acordo com a sociedade. Cada povo concebe a natureza de acordo com seus objetivos, costumes e necessidades. Portanto a concepção de natureza é definida culturalmente. Esclarece-nos Carvalho (2013, p. 18) que “a definição do que seja natureza depende da percepção que temos dela, de nós próprios, e, portanto, da finalidade que daremos para ela.” Para Mantovani (2009, p. 3) “Toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada ideia do que seja a natureza.” Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos seres humanos. Portanto não existe concepção de natureza e sim concepções de natureza.

Na pré - história período que abrange por volta de três milhões de anos atrás até cerca de 10.000 A.C os seres humanos eram na maioria caçadores e coletores que se moviam conforme a necessidade de encontrar alimentos suficientes para a sobrevivência. Essa sociedade coletava frutos e raízes, caçava, pescava e utilizava abrigos naturais como cavernas, copas de árvores ou choças feitas de galhos para se proteger do frio e das intempéries naturais. De acordo com Morimoto & Salvi (2012, p.3) “os povos primitivos se relacionavam com a natureza de forma intensa”. Mais tarde para facilitar a sobrevivência os humanos começaram a produzir ferramentas e utensílios, aproveitando os recursos da natureza e modificando o ambiente.

Na Grécia a concepção de natureza que os antigos gregos tinham era relacionado com mitos e divindades. Eles acreditavam que os deuses participavam ativamente de suas vidas, interferindo em suas decisões, seus amores e suas guerras favorecendo alguns homens em prejuízo de outros. Hélios era o Deus-sol, iluminando tudo e testemunhando o que se passava na terra. Já Poseidon controlava o mar. Era a ele que os marinheiros e navegadores deviam oferecer sacrifícios. Atena era a deusa da guerra. Afrodite a deusa do amor e da beleza. Havia ainda outros deuses, cada qual comandando um setor da vida. Eles acreditavam que os sentimentos e ações dos deuses se pareciam com os dos humanos. Por isso, os gregos representavam seus deuses com formas e atitudes humanas. Para Carvalho (2013, p. 29)

As teorias sobre o funcionamento do universo, da terra, dos bichos e das plantas sempre foram uma consequência do significado que cada sociedade, ou agrupamento

social, conferiu aquilo que esses grupos reconheciam, ou reconhecem, como seu “mundo”.

Os gregos foram os criadores do conhecimento racional, da investigação teórica, do livre pensamento. Berço de grandes filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles. Nesse contexto os meios de dominar a natureza passam a serem métodos de descobrir a verdade abstrata sendo seus principais elementos de pesquisa: a água, o fogo, o ar e a terra. Springer (2008, p. 30) afirma que:

A partir dos séculos VII e V A.C evidenciou-se na Grécia Antiga uma série de transformações econômicas, políticas e religiosas. Dentre estas se citam a organização política e social das cidades gregas em cidades – estados, o aparecimento da escrita entre os séculos X e XI AC; a criação da primeira moeda reconhecida pelo Estado grego e o surgimento do direito escrito. Este dinamismo do mundo grego proporcionou entre os séculos VII e V A.C. o nascimento e a institucionalização da filosofia e conseqüentemente a contestação das velhas linguagens e concepções sobre o mundo, a ‘Natureza’ e os homens.

Na idade média, a sociedade feudal tinha uma estrutura rigidamente hierarquizada, ou seja, dividiam-se em grupos mais ou menos imutáveis, constituídos por clérigos, nobres e camponeses. A igreja católica tinha a hegemonia na época detendo o poder e o saber. Vigorava o teocentrismo onde Deus era o centro do universo sendo a igreja católica intermediária entre Deus e o homem. Acreditava – se que tudo o que acontecia na natureza ou na vida das pessoas era influenciado por Deus. A própria Natureza era considerada como obra divina. Os textos bíblicos que tinham a supremacia durante o período medieval afirmavam que:

No princípio Deus criou o céu e a terra. (...) e criou Deus o homem a sua imagem; criou-o à imagem de Deus, e criou-os varão e fêmea. E Deus os abençoou, e disse: cresci e multiplicai-vos, e enchei a Terra e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre os pássaros do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a Terra. (GÊNESES, Cap. I, Versículos 27–28 – Bíblia Sagrada).

A partir do século XIV inicia-se na Itália o renascimento. Um movimento de renovação científica, intelectual e artística que se expandiu pela Europa nos séculos XV e XVI. Uma das suas principais características foi o humanismo. Os humanistas defendiam a valorização do ser humano, a volta dos estudos dos pensadores greco-romanos e a busca da verdade pela razão que se traduziu na adoção de métodos experimentais e de observação da natureza. O mundo que antes era explicado pelas escrituras passa a ter causas puramente físicas. Nicolau Copérnico rompe com a concepção de natureza medieval ao descobrir que a Terra estaria em movimento e o Sol ocuparia o centro do nosso sistema. Com isso ele separa a natureza e a divindade, nascendo uma nova visão na qual a natureza é despojada de qualquer

vestígio de sacralidade, seja de concepção teológica, filosófica ou ideológica (MORIMOTO & SALVI, 2012, p.5).

No século XVI, a Europa passa por um processo de múltiplas transformações. Dentre elas a reforma protestante que questiona o poder da igreja católica, a formação dos Estados Nacionais centralizando o poder nas mãos do rei. Ocorre também a expansão marítima que propicia a conquista de novas terras além-mar e a política mercantilista cria uma balança comercial favorável enriquecendo os cofres reais. Nesse período as teorias de pensadores como Galileu, Copérnico e Newton revelam o Universo e a natureza como objeto do conhecimento sujeita a observação e comprovação empírica. O ser humano e o ambiente em que vive perdem sua identificação com o cosmos, com o mundo, que passa a ser mediatizado pela ciência. (MORIMOTO & SALVI, 2012, p. 6)

Com o desenvolvimento do capitalismo nos séculos XVII, XVIII e XIX propiciado pela revolução industrial e as revoluções burguesas, a burguesia ascende politicamente e economicamente. Era necessária então uma visão de mundo que contemplasse os ideais burgueses. Nesse contexto a natureza torna-se matéria prima para as fábricas e meio de enriquecimento da sociedade capitalista. Segundo Tiriba (2010, p.54) “Para o capital, a natureza é, simplesmente, matéria prima morta para a produção de mercadorias”. Como consequência as potências europeias passam a ter uma visão imperialista no século XIX e XX levando a necessidade de buscar novos territórios para dominação e exploração. À medida que avança a tecnologia aumenta a produtividade e ampliam as áreas de consumo ocorrendo várias transformações a nível econômico, social, cultural, político e, principalmente ambiental. Como resultado desse aumento da produtividade ocorre à exploração dos recursos naturais e a degradação do meio ambiente, trazendo consequências muitas vezes irreversíveis segundo dados abaixo:

Dentre os sinais de degradação ambiental mais marcantes, desta época, destacam-se: a eliminação de florestas, a exaustão e contaminação química, a contaminação e o rebaixamento dos níveis potáveis, a contaminação dos oceanos, a poluição atmosférica, a depleção da camada de ozônio, a elevação das temperaturas globais. Fatores que causam a elevação do nível dos mares, transtornos climáticos, diferenciados níveis de poluição ambiental; provocam ainda chuva ácida e eliminam ecossistemas locais, tanto de espécies vegetais como de animais. Enfim, fatores que afetam/destroem a biodiversidade natural de cada “lugar”. (SOUZA, p.5)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>[http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro1/gt/conhecimento\\_local/Jefferson%20Marcal%20da%20Rocha.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro1/gt/conhecimento_local/Jefferson%20Marcal%20da%20Rocha.pdf) acesso em 24/04/15 as 17:59.

Em pleno século XXI depois de duas guerras mundiais e o avanço da tecnologia ainda há uma concepção que acredita que a natureza é uma fonte inesgotável de recursos a serviço do homem. Isso nos leva a conclusão que:

A atual relação do ser humano com a natureza - de dominação e de controle - está no centro do paradigma que vem orientando a organização do mundo nos três últimos séculos, visão que se tornou hegemônica há menos de 50 anos, quando o capitalismo se planetarizou, impondo sua lógica à grande parte dos povos da Terra. (TIRIBA, 2005, p. 57)

Contraopondo-se a essa concepção, temos hoje ONGs (organizações não governamentais) e diversos grupos a favor da preservação da natureza. De acordo com Morimoto & Salvi (2012, p. 2)

No século XX, notadamente com a explosão demográfica e industrial, a relação do homem com a natureza passou a ganhar outros contornos, não se limitando à preocupação com os recursos naturais, mas se deslocando para o problema da garantia da própria vida do homem na Terra, essência do que se compreende como questão ou problemática ambiental.

Na minha concepção natureza é tudo que nos rodeia e que não foi criado pelo homem. Como sol, mar, céu, nuvens, terra, plantas, animais, vento, incluindo o homem como parte desse universo. Segundo Tiriba (2010, p. 6) “a natureza é força ativa que criou e que conserva a ordem natural de tudo quanto existe. É a própria vida, criadora de todos os seres que constituem o universo”.

A escola tem o papel de contribuir com a preservação do meio ambiente adotando no seu trabalho pedagógico a concepção de que as crianças são seres da natureza. Nas autoras abaixo vamos encontrar o seguinte esclarecimento:

Ao considerarmos a criança um ser da natureza, recuperamos a dimensão biológica da espécie humana. Ao mesmo tempo, estamos dizendo que não vivemos só no planeta Terra, que o compartilhamos com numerosas outras espécies das quais dependemos para continuar existindo. As crianças, sendo parte dessa natureza, devem conhecer e conviver harmoniosamente com os demais elementos que a compõem, aprendendo a respeitar, conservar e preservar seus bens. (FARIA & SALLES, 2010, p.57)

Por meio desse tipo de percepção, elas podem vir a tornar-se cidadãos com novas posturas, sendo capazes de mudar a relação de domínio vigente hoje para a relação de conservação e integração.

### 3.2 Concepções de infância/criança

Muito se tem discutido sobre concepção de criança e infância. Porém é consenso que esses dois conceitos são históricos e culturais. Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.21) "a concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época". De acordo com as proposições curriculares de Belo Horizonte:

Conceitualmente, a infância é a definição sobre o modo de viver das crianças, em cada sociedade. Assim, não se tem uma única infância, mas diferentes infâncias, pois diferentes são os modos de vivenciar essa experiência, que se reorganiza, se multiplica cada vez mais nas sociedades complexas. Desse modo, a concepção de infância que se afirma hoje – como um ser sócio histórico cultural e da natureza - é fruto de um longo percurso e está sempre sujeita a mudanças. (2013, p. 70)

Contudo para se chegarem a essas conclusões, diversos conceitos de infância percorreram um percurso histórico, sofrendo modificações com o passar do tempo. Exemplo disso é a concepção de criança construída pelo ocidente ao longo de sua história. Na Grécia Clássica (VI - IV A.C) a criança não tinha voz ativa na sociedade e nem direitos. O pai controlava a vida dos filhos, tendo inclusive o direito de vida e morte. Os bebês indesejados, especialmente meninas, eram colocados em vasos de argila para morrer nos campos e nas ruas. De acordo com Oliveira (2007, p.44) “o termo infância (in-fans) tem o sentido de ‘não fala’. Ou seja, a criança não era respeitada como alguém que pensa e um sujeito de direitos”.

Na idade média ocorria muita mortalidade infantil devido à falta de saneamento básico, perdas das colheitas ocasionadas por chuvas torrenciais ou a falta dela. Vale destacar também a peste negra que dizimou 1/3 da população. As crianças eram as primeiras a morrer. Alguns autores ressaltam que até nesse momento não existia um sentimento de infância. Isso se dá devido ao fato de que:

A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade. (...) Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato. (ARIÈS, 1981, p. 10).

No seu cotidiano as crianças viviam com os adultos sem qualquer cuidado e atenção especial. Não se pensava em criar roupas voltadas para elas, nem eram tratadas de forma

diferente. Assim que era desmamada já se inseria nesse mundo passando a aprender o ofício do pai.

Estudos realizados, na área da infância, comprovam que este período da vida permaneceu oculto até o século XII. Até mesmo, as representações gráficas relacionadas à iconografia que ilustrava as crianças, com suas particularidades, não eram conhecidas. As crianças eram apresentadas e representadas como adultos em miniatura, sendo vestidas e expostas aos mesmos costumes dos adultos. Não tinham um tratamento diferenciado, nem um mundo próprio, não existia neste período, o chamado sentimento de infância. (PELOSO, 2008, p. 174)<sup>3</sup>

A partir do século XVI ocorreram várias transformações na Europa. Ela se torna palco da expansão marítima, mercantilismo, reforma protestante e renascimento. Novas ideias principalmente econômicas servem de pano de fundo nesse momento. Áries (1981, p.14) diz que à “‘aparição’ da infância se dá a partir do século XVI e XVII na Europa, quando o mercantilismo, altera o sentimento e as relações frente à infância, modificado conforme a própria estrutura social”.

A primeira noção sobre um conceito do período de infância surgiu com o Iluminismo do século XVIII. De acordo com Picelli (2002, p. 4).

Rousseau combateu as ideias que predominavam há muito tempo chamando atenção para as necessidades da criança e as condições de seu desenvolvimento. Entendia que a criança não podia mais ser vista como um adulto em miniatura, e sim como um ser com ideias, vestimentas e características próprias. Além disso, a educação deve ocorrer de modo “natural”, distante das influências corruptoras do ambiente social e sob a direção de um pedagogo iluminado que oriente o processo formativo da criança.

Com o passar do tempo cada sociedade procurou compreender a criança e a infância conforme sua sociedade e cultura.

A partir do século XIX e XX, a infância começa a ocupar um lugar de fundamental importância para a família e para a sociedade, começa a se pensar neste ser de pouca idade como alguém que necessita de lugar, tempo, espaço e cuidados diferenciados, começando a delinear-se o que mais tarde evoluiu para o que hoje reconhecemos como infância.<sup>4</sup>

Gradativamente, começou a existir uma preocupação cada vez maior com a infância e isso influenciou as ideias que se tinha sobre ela no Brasil.

A concepção de infância no Brasil se destaca em três momentos. São eles: A colonização pautada na mistura de três povos: os europeus, índios e negros. O segundo

---

<sup>3</sup> Revista Teoria e Prática da Educação, v.11, n.2, p.173-179, maio/ago. 2008.

<sup>4</sup> AHMAD. Laila Azize Souto, Um breve Histórico da Infância e da Instituição de Educação Infantil. São Paulo. V.00 p.eletrônica. Junho de 2009. Disponível em [www.partes.com.br/educacao/historicoinfanzia.asp](http://www.partes.com.br/educacao/historicoinfanzia.asp)>. Acesso em 24/04/2015.

momento no século XIX onde ocorreram transformações significativas na política, na economia e na sociedade sendo elas: A vinda da família real portuguesa para o Brasil, a independência, a implantação do período imperial e a proclamação da república. E por último no século XX onde são criadas leis regulamentando a infância brasileira.

Antes da chegada dos europeus no Brasil os nativos não conheciam a desigualdade social. Viviam da caça, da pesca e da coleta de alimentos. As crianças desde cedo ajudavam seus pais. Os meninos ficavam com as tarefas de caça e pesca e as meninas aprendiam com as mães a tecer redes, limpar as ocas, a plantar e a colher, mas também aprendiam a sustentar a família, como os meninos. Com a presença dos portugueses muitos índios foram escravizados e dizimados; os jesuítas foram os responsáveis pela educação dos índios explorando – os com o trabalho compulsório.

Quando chegaram as primeiras famílias colonizadoras vieram às crianças portuguesas, de diferentes classes sociais: a classe mais alta, formada pelos nobres da corte e as famílias mais simples, que também possuíam algum poder social. Nessas classes, além da mãe, do pai e dos filhos, havia uma variedade de empregados como: professores particulares, amas e criadas.

Com a escravidão foram trazidas a força da África as crianças negras. A partir dos sete anos, as crianças dos escravos já podiam ser separadas dos pais e vendidas para trabalhar para outras famílias. As crianças costumavam acompanhar a mãe no trabalho no campo e já ajudavam a plantar e colher desde pequenas. Santos (2007, p. 228) enfatiza que:

A concepção de infância nesse período não era homogênea, existindo diferenças substanciais entre a criança escrava, a indígena e a branca, demarcadas pela situação étnica e de classe que cada uma ocupava na sociedade. A natureza de classe da sociedade colonial construiu a concepção de infância de acordo com as necessidades do dinamismo do sistema, ou seja, a criança escrava deveria trabalhar com o objetivo de dar retorno ao investimento do seu proprietário. Desse modo, não se buscava a meiguice e a pureza nas crianças negras escravizadas, como se fazia entre os filhos dos senhores, e sim, o trabalho.<sup>5</sup>

No século XIX temos a independência do Brasil, contudo, nossa economia continuou baseada no latifúndio e na escravidão. Só em 1871 foi feita a lei do ventre livre onde todas as crianças negras nascidas no Brasil passam a ser livres. Porém trabalharão até 21 anos como forma de indenização aos seus senhores. Nesse período ocorre o primeiro surto industrial no Brasil, melhorias nas condições de vida e avanços da medicina. Isso eleva a expectativa de vida e diminuí a mortalidade infantil aumentando a população pobre.

---

<sup>5</sup> [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/28/art15\\_28.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/28/art15_28.pdf) acesso 21/04/2015 as 15h04min

Uma das soluções encontradas pelo governo imperial foi o envio dessas crianças para a Guerra do Paraguai. As crianças pobres, em sua maioria descendentes de escravos, eram usadas nos locais mais perigosos, principalmente no manejo de canhões, onde não tinham nenhuma arma para se defenderem a não ser o canhão manejado.

Com a proclamação da república a questão da criança passa a ser um problema social. A abolição da escravatura e a imigração europeia acirrou o problema com muitas crianças pobres pelas ruas.

O século XX constituiu um cenário muito importante para a infância brasileira no que se refere à legalidade. Três leis essenciais buscaram atender à realidade da infância brasileira: O Código de Menores de 1927 que teve como objetivo dar assistência e proteção aos menores, especificamente aos que se encontravam em estado de abandono ou delinquência. O Código de Menores de 1979 que é publicado no intuito de atender desvalidos, abandonados e infratores, e também adotar meios de prevenir ou corrigir as causas de “desajustamento” destes menores. E o Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA de 1990 que no seu Art. 2º nos diz que: “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos”. O ECA é considerado um avanço em relação as duas leis anteriores, pois considera a criança como um sujeito de direitos e não foca exclusivamente nas crianças que viviam em situação de marginalidade ou delinquência. Por esse motivo, é considerado um marco no modo de compreender as crianças no Brasil.

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998).

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio, e isto porque, através das interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. (p.21)

Já de acordo com as proposições curriculares de Belo Horizonte:

Atualmente, a compreensão sobre a infância remete ao reconhecimento destes sujeitos como seres humanos plenos, que estão vivenciando uma fase específica do desenvolvimento biológico e, em função disso, apresentam necessidades e características próprias. Devem ser respeitados e compreendidos dentro destas especificidades e não em comparação aos adultos. (2013, p. 69)

Concluo portanto que a concepção de infância independe de sua origem, cultura e meio social em que vive pois a criança possui direitos que são iguais para todas, como: brincar, cuidados, vivenciar a natureza, expressar suas ideias, ter opiniões próprias.

### 3.3 Concepções de linguagem

Existem várias teorias sobre as origens da linguagem que podem ser reunidas segundo Chauí (2000, p.177) em quatro respostas:

1- “A linguagem nasce por imitação, isto é, os humanos imitam pela voz, os sons da natureza (dos animais, dos rios, das cascatas e dos mares, do trovão e do vulcão, dos ventos, etc.) A origem da linguagem seria, portanto, a onomatopeia ou imitação dos sons animais e naturais;”

E continua.

2- “A linguagem nasce por imitação dos gestos, isto é, nasce como uma espécie de pantomima ou encenação, na qual o gesto indica um sentido. Pouco a pouco, o gesto passou a ser acompanhado de sons e estes se tornaram gradualmente palavras, substituindo os gestos;”

Ela diz também que:

3- “A linguagem nasce da necessidade: a fome, a sede, a necessidade de abrigar-se e proteger-se, de reunir-se em grupo para defender-se das intempéries, dos animais e de outros homens mais fortes levaram à criação de palavras, formando um vocabulário elementar e rudimentar, que, gradativamente, tornou-se mais complexo e transformou-se numa língua;”

Já outra resposta:

4- “A linguagem nasce das emoções, particularmente do grito (medo, surpresa ou alegria), do choro (dor, medo, compaixão) e do riso (prazer, bem-estar, felicidade)”.

É necessário também separar o conceito de linguagem de língua. A linguagem todo ser humano a possui, pois ela é fisiológica. O homem já nasce com essa capacidade. Já a língua é adquirida de acordo com a história, cultura e sociedade. (CHAUÍ, 2000 P.176)

A linguagem está presente em todos os momentos da nossa vida. É a forma como nos comunicamos com o mundo. Existem várias concepções de linguagem. De acordo com Chauí (2000, p.177) “A linguagem é um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para a expressão de ideias, valores e sentimentos.” Na mesma direção, para Salles & Faria (2012, p. 59) “são sistemas simbólicos construídos pelo ser humano para se expressar e compartilhar significados no seu meio social.”

De acordo com Cardoso (2012, p.15) “As concepções de linguagem, podem ser organizadas em três grandes grupos: Expressão do pensamento, instrumento de comunicação e forma de interação.”.

A primeira concepção é a linguagem como forma de expressão do pensamento. O meio mais utilizado pelas crianças para expressar o pensamento é o corpo principalmente às crianças de 0 a 2 anos. De acordo com Gobbi:

Desde que nascem as crianças estão mergulhadas em contextos sociais diversos que lhes apresentam aromas, sons, cores, formas, texturas, gestos, choros e variadas manifestações culturais e expressivas que, em profusão, anunciam o mundo. (2010, p.1)

É com nosso corpo que nos apropriamos do mundo. Através de nossos movimentos manifestamos nossos pensamentos. É comum ouvirmos a expressão “o corpo fala”. De acordo com Freitas (2009, p.148) “o corpo fala porque é capaz de construir palavras, ou seja, atribuir sentido aquilo que toca, vê, escuta, cheira ou saboreia”.

A segunda concepção é a linguagem como instrumento de comunicação. Para comunicar o que sente ou quer, o bebê chora e se expressa corporalmente. Esse choro deve ser traduzido pelos educadores e pais, pois ele pode expressar sentimentos e necessidades diversas: fome, sono, sede, dor, manhas. Aos poucos, essa comunicação vai transformando e se aprimorando. Surgem os primeiros balbucios, seguidos da fala. Muitas vezes dizemos que cada bebê fala “a sua língua”. Além do choro ela utiliza também gestos como o balançar de pernas e braços, e expressões faciais. Nas Proposições curriculares de Belo Horizonte (2009, p. 67) “O corpo é uma das primeiras formas de linguagem que a criança usa para interagir com as pessoas e o mundo”.

À medida que a criança vai crescendo ela continua utilizando o corpo. Morde os colegas, bate, joga o brinquedo longe, rejeita o alimento. Porém começa a expressar seu pensamento com palavras desenvolvendo a linguagem oral. As Proposições curriculares de Belo Horizonte (2009, p.46) apontam que “toda e qualquer atividade da criança é permeada de linguagens simbólicas e são essas que nos permitem adentrar “realmente” o universo infantil, entendendo que as crianças possuem muitas maneiras diferenciadas de pensar e aprender”.

Assim o choro dá lugar à fala e, depois de certo tempo, também é possível se expressar por meio da escrita.

E por fim temos a terceira concepção, que tem a linguagem como forma de interação. Uma das formas utilizadas pelas crianças para interagir é a brincadeira. As autoras abaixo nos esclarecem que:

O brincar é uma das formas privilegiadas de as crianças se expressarem, relacionarem – se, descobrirem, explorarem e conhecerem sua realidade física e social. Brincando, constroem sua subjetividade, constituindo – se como sujeitos humanos em determinada cultura. É, portanto uma das linguagens da criança. (FARIA & SALLES 2010, p.118)

É brincando que a criança interage com o outro sendo instrumento de sociabilidade e conhecimento. Isso se dá por que:

A ação de brincar configura-se como a forma mais próxima que o pensamento da criança encontra para se expressar. Brincando, a criança se movimenta, fala, desenha, sorri, chora, grita, utilizando diferentes modos de discurso para expressar o que sente e pensa. (FREITAS, 2009, p.160)

Durante as brincadeiras as crianças interagem com os objetos, espaços, professores, outras crianças e pais. Assim ela vai expressando seu pensamento, se comunicando.

Conclui – se que embora com conceitos diferentes seja difícil separar – los na observação das crianças, pois ao mesmo tempo em que a criança forma o pensamento, ela comunica e interage com o outro.

As linguagens devem ser trabalhadas na educação infantil, porque por meio delas as crianças constroem novos conhecimentos. Na visão das proposições curriculares de Belo Horizonte:

O trabalho e as diferentes vivências com as linguagens concretizarão o desenvolvimento das capacidades para oportunizar a criança estabelecer relações, analisar, comparar, desenvolver valores, atitudes, realizar operações motoras e mentais, fazer analogias, resolver situações – problema com autonomia; descobrir, enfim criar e recriar. (PROPOSIÇÕES CURRICULARES, Belo Horizonte 2009, p.46).

As proposições curriculares de Belo Horizonte indicam a importância de serem trabalhadas de forma interligada na educação infantil as linguagens: Matemática, música, corpo e movimento, plástica, digital, escrita e oral.

#### **4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA UMEI**

A UMEI Lagoa se localiza na regional Venda Nova em Belo Horizonte, no bairro Lagoa, Rua Hécio Pereira Fontes, Nº 62. Atende aproximadamente 440 crianças distribuídas em 22 turmas. Conta com 85 educadoras entre os horários da manhã, tarde e intermediário. Tem duas coordenadoras e duas secretárias, uma vice – diretora na UMEI e um diretor que fica na escola núcleo. Temos em torno de 15 profissionais entre cozinheiras, porteiros, faxineiros e vigias além de uma guarda – municipal.

A UMEI ainda não fez seu Projeto Político Pedagógico. Por isso colhi informações sobre sua criação através de entrevista com o vice-diretor Nelson da Escola Municipal Professor Moacyr Andrade. Ele nos relata que o processo para construção da Umei Lagoa foi uma resposta a mobilização da comunidade. A associação de bairro era liderada por uma senhora chamada D. Glória. A mesma ia às reuniões do orçamento participativo para solicitar a construção da UMEI. Quando foi inaugurada, D. Glória estava presente e segundo seu discurso ela contou que a construção se deu através da briga entre a associação de bairro e o orçamento participativo.

A escola Municipal professor Moacyr Andrade a recebeu porque toda UMEI está vinculada diretamente a uma escola. Isso implica que sua criação não foi uma ação da escola. No espaço onde a UMEI foi construída havia uma área vaga, um campo de futebol e uma área de coleta de resíduos da prefeitura. Funcionava como um bota fora. A população tinha uma demanda, porém não tinha o espaço. O que a prefeitura fez? Aproveitou uma parte desse espaço. A área se transformou em um complexo de atendimento à população compreendendo a UMEI, O CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), o posto de saúde, campo de futebol e praça.

## **5. DESENVOLVIMENTO/ PLANO DE AÇÃO**

O plano de ação foi desenvolvido na UMEI Lagoa em uma turma de crianças de três anos no turno da tarde. Eram 20 crianças e duas professoras. A prática foi desenvolvida por 10 semanas. O objetivo principal era analisar as possibilidades e limitações de utilizar a natureza para trabalhar com as múltiplas linguagens na educação infantil. O primeiro passo foi fotografar todo o espaço interno e externo da UMEI Lagoa verificando de que forma o espaço dialoga com a natureza. Isso permitiu também verificar e registrar a existência ou não dos elementos da natureza no trabalho realizado na instituição. Para complementar foi realizada entrevista com as duas professoras para verificar se elas utilizam os elementos da natureza no seu trabalho. Em seguida foi proposto as crianças à exploração de elementos da natureza trabalhando as linguagens matemática, corpo e movimento, digital, plástica, música, oral e escrita. Sendo possível observar e relatar as reações das crianças manipulando e explorando diferentes elementos da natureza.

## 5.1 MÚLTIPLAS LINGUAGENS

### 5.1.1 LINGUAGEM MATEMÁTICA

As crianças foram reunidas e assentadas em roda juntamente com a educadora Eliane. O objetivo era iniciar a narrativa de uma história e durante essa narrativa seria inserida no contexto uma mala que continha diversos elementos da natureza. Foi narrada a seguinte história: Era uma vez uma sala de aula na UMEI Lagoa conhecida como turma da abelhinha. Nessa sala tem 20 crianças. Sendo 08 meninos e 12 meninas. Vamos conferir? Todos contam. Tem também duas professoras. A professora Vanda e Eliane. Conferimos. Hoje eu trouxe minha mala de contar histórias. Vamos conferir o que há dentro dela? Fui retirando os elementos aos poucos e conferindo as quantidades junto com elas deixando-as contar. Chegamos à conclusão que dentro dela continha: 01 Cabaça, 02 pinhas, 06 pedras, 07 pedaços de bambu, 04 paus de canela, 10 pedaços de madeira, 10 sementes de olho de boi, 25 bolinhas de madeira, 10 folhas secas e 25 folhas verdes. Segundo as proposições curriculares de Belo Horizonte (2009, p.195) “para a educação infantil, devemos proporcionar o material mais variado possível, apresentar situações novas e interessantes”.

As crianças participaram e interagiram durante todo o processo, valendo ressaltar que estavam presentes duas crianças de inclusão: a Isadora que é deficiente visual e Pedro que é autista. Todos ficaram envolvidos. Para as proposições curriculares de Belo Horizonte (2009, p.71) “o principal no processo de ensino é que a aprendizagem seja significativa, isto é, que o novo conhecimento a ser aprendido precisa fazer sentido para o aluno”. As crianças aprenderam sobre quantidade, grandeza, texturas e cheiros diferentes.

Após a contagem, retornei com os elementos para a mala. À medida que era desenvolvida a atividade eu os retirava para explorá - los no trabalho com a linguagem matemática. Retirei da mala e coloquei 10 sementes de olho de boi em uma mão e na outra 25 bolinhas de madeira. Solicitei que me dissessem qual mão continha mais elementos. Foi trabalhada a noção de quantidade e de estimativa, concepções importantes para a construção do conceito de número. Em seguida contamos e conferimos. Fiz o mesmo com pedras. As duas mãos continham três pedras, porém em uma mão as pedras eram maiores. Disseram-me que a mão que continha as pedras maiores tinha mais pedras. Assim trabalhei a noção de grandeza e quantidade. Logo após coloquei na roda folhas de hortelã pimenta, tanchagem, boldo. Solicitei que as contássemos e as cheirássemos. Depois acrescentei folhas secas de laranjeira. Também conferimos a quantidade. As crianças perceberam os cheiros e texturas,

cores, semelhanças e diferenças. Após essa experiência conferimos a quantidade de folhas verdes em relação às folhas secas. Manipulamos também pedaços de madeira, pau de canela, pinhas, manjeriço.

Ao final da atividade eles perceberam que alguns elementos ao serem manipulados emitiam sons. Começaram a bater a semente olho de boi no chão ou uma na outra, rolaram pedaços de bambu no chão e sacudiram a cabaça. Isso me mostrou que a próxima linguagem a ser trabalhada seria a música. Percebi isso não através da escuta verbal, mas através das atitudes das crianças.



Fonte: Arquivos de Vanda Aparecida dos Reis

### 5.1.2 LINGUAGEM DA MÚSICA

Na linguagem da música, cantamos com a ajuda de um som e pen drive a música Pomar do grupo Palavra Cantada.<sup>6</sup> A letra da música explora diferentes elementos da natureza, como pode ser visto a seguir:

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://letras.mus.br/palavra-cantada/283411/> acesso em 09/04/15 às 20h51min

Banana, bananeira  
Goiaba, goiabeira  
Laranja, laranjeira  
Maçã, macieira  
Mamão, mamoeiro  
Abacate, abacateiro  
Limão, limoeiro  
Tomate, tomateiro  
Caju, cajueiro  
Umbu, umbuzeiro  
Manga, mangueira  
Pêra, pereira  
Amora, amoreira  
Pitanga, pitangueira  
Figo, figueira  
Mexerica, mexeriqueira  
Açaí, açaizeiro  
Sapotí, sapotizeiro  
Mangaba, mangabeira  
Uva, parreira  
Coco, coqueiro  
Ingá, ingazeiro  
Jambo, jambeiro  
Jabuticaba, jabuticabeira.

Ouvimo-la três vezes. Depois desliguei o som e cantamos a mesma música explorando os sons do nosso corpo. As proposições curriculares de Belo Horizonte (2009, p.71) alegam que “Toda aprendizagem tem um registro corporal, pois não existe a internalização da aprendizagem sem corporalização. Portanto, o corpo deve ser entendido como mediador da aprendizagem”. Estalamos os dedos, a língua, batemos palmas, batemos as mãos no peito, nas coxas, batemos os pés no chão. Em determinado momento o ritmo ficou bem parecido Faria & Salles (2010, p.122), acrescentam que “é necessário possibilitar às crianças várias experiências tais como: explorar o próprio corpo, os sons que conseguem emitir e outras possibilidades corporais”. Isso foi possibilitado pela atividade de exploração da música por meio do corpo, que é um dos elementos da natureza. Os sons emitidos saíram espontaneamente e de diferentes formas. Isso se explica por que:

O fazer musical é uma forma de comunicação e expressão que acontece por meio da improvisação, da composição e da interpretação. Improvisar é criar instantaneamente, orientando-se por alguns critérios pré-definidos, mas com grande margem a realizações aleatórias, não determinadas. (RCNEI,2009, p. 57)

Logo depois eles escolheram os mesmos elementos presentes na mala utilizados na linguagem matemática e dispostos na mesa. Cantamos a música utilizando esses elementos.

Tiraram sons das pedras, sementes, pedaços de bambu, pedaços de madeira, balançaram a cabaça. Cheiraram o bambu, recordando-se do pau de canela utilizado para trabalhar a linguagem matemática. Acrescentei dois instrumentos feitos com bambu, cabaça e sementes. Explorar esses diferentes elementos da natureza para o fazer musical foi importante, pois:

É fundamental que as crianças vivenciem experiências significativas em relação a essa linguagem, tais como: pesquisar os sons produzidos pelo corpo, pelos objetos, pelos elementos da natureza, explorando suas qualidades. (FARIA & SALLES, 2010, p.154)

No final da atividade todas as crianças, sem que eu solicitasse, deitaram no chão para relaxar me indicando que a próxima linguagem seria a do corpo e movimento.



Fonte: Arquivos de Vanda Aparecida dos Reis

### 5.1.3 LINGUAGEM CORPO E MOVIMENTO

Para trabalhar essa linguagem eu coloquei uma colcha de pano usada em piquenique no chão e deitamos sobre ela. Foi muito bacana. Percebi que as crianças não tinham esse hábito, pois se divertiram muito. Fizemos uma vivência. Convidei - as a fecharem os olhos, respirar e expirar três vezes. Orientei-as dizendo que iríamos trabalhar o nosso corpo. Solicitei

que imaginassem que somos como uma semente e que naquele momento estávamos debaixo da terra. Dei um tempo para eles imaginarem. Continuando a vivência, pedi que permanecessem imaginando que a terra estava bem fofinha e quentinha. Conteí-lhes que para a semente crescer ela precisava de cuidados como sol e água; borrifei água nelas nesse momento (foi uma festa). Em seguida disse-lhes que a semente estava crescendo. Nesse momento eles levantaram bem devagar e esticaram o corpo. Nasceu um galhinho. Esticaram o braço esquerdo e depois o direito. Balançaram os braços para um lado e para o outro como uma árvore em movimento. Depois fecharam e abriram as mãos em forma de concha simbolizando flores. A necessidade de propiciar experiências como essa se explica por que:

A linguagem corporal é aquela que se transmite por meio de gestos e atitudes corporais. São emoções se transmitidas por meio do movimento, tais como a expressão facial, o movimento dos olhos, das mãos, das pernas, dos pés e do corpo como um todo. (BELO HORIZONTE, 2009, p.86)

Após a vivência, sentamos em roda e mostrei a elas uma planta dentro de um vaso. Tocaram na terra, nas folhas, nas flores. Observaram a cor das folhas e das flores e sentiram o perfume delas. Tiriba (2007, p.47) destaca que

Precisamos, portanto, realizar uma aproximação física, estabelecendo relações cotidianas com o sol, com a chuva, com a terra, fazendo com que sejam elementos sempre presentes, constituindo-os como chão, como pano de fundo ou matéria-prima para a maior parte das atividades.

Fui até a janela com as crianças. Ela é ampla e tem uma bancada que pode ser acessada dentro da sala. Lá eu tinha previamente colocado um saco de terra, sementes de girassol, vaso, 01 regador pequeno. Expliquei a elas que agora iríamos trabalhar as fases da planta como foi feito na vivência. Convidei-as a plantar a semente. Uma a uma foi colocando a semente na terra. Combinei com a educadora e foi feito uma escala onde cada dia uma criança diferente iria regar a planta. Elas ficaram bem entusiasmadas. Acompanhamos o crescimento da planta. O contato com plantas pode auxiliar na construção de conhecimentos na educação infantil, pois.

Cuidar de plantas e acompanhar seu crescimento podem se constituir em experiências bastante interessantes para as crianças. O professor pode cultivar algumas plantas em pequenos vasos ou floreiras, propiciando às crianças acompanhar suas transformações e participar dos cuidados que exigem, como regar, verificar a presença de pragas etc. (RCNEI,2009, p.179)

Era meu objetivo entregar uma muda para cada criança em um copinho com terra e a foto de um girassol com mais uma semente para a criança junto com seus familiares plantar em casa. Porém, entrou o período das férias e não foi possível realizar essa atividade.

Procurei fotografar os elementos que utilizei nessa linguagem. A aluna Hellem me viu com a máquina na mão e pediu para fotografar. Prometi que todos poderiam usar a máquina na próxima linguagem. A partir daquele momento foi definido que o próximo tema a ser trabalhado que seriam as linguagens digital e plástica.



Fonte: Arquivos de Vanda Aparecida dos Reis

#### **5.1.4 LINGUAGEM DIGITAL E PLÁSTICA**

Após a chegada de todas as crianças elas foram informadas que naquele dia o trabalho seria feito em grupos de três ou quatro integrantes. A atividade do dia consistia em fotografar alguns espaços da escola. De acordo com uma escala cada grupo era deslocado para fora do prédio da UMEI e o restante permanecia na sala de aula com a educadora. A máquina fotográfica foi disponibilizada para as crianças e após a orientação de como utilizá-la cada

criança escolheu seu foco de trabalho. Os alunos fotografavam e mostravam o resultado de cada foto. O entusiasmo da equipe era notório diante das expressões de surpresa ao analisarem o próprio trabalho. Isso se explica por que:

As crianças nascidas no século XXI aprendem a linguagem digital antes mesmo de dominar a linguagem humana. Pegam, manipulam, brincam com o celular, controle remoto e diversos aparelhos eletrônicos expostos nos ambientes familiares, sociais e educativos. (PROPOSIÇÕES CURRICULARES, Belo Horizonte 2009, P. 111)

Após todos os grupos terem fotografado, retornamos para sala montei o Datashow e liguei o netbook para exibir as fotos. Analisamos foto a foto. Algumas crianças conseguiram identificar as fotos tiradas por elas. Foi retratado árvores, céu, nuvem, flores, passarinhos e a pesquisadora Vanda. Observa – se que:

A linguagem digital faz a diferença quando é trabalhada como uma ferramenta que auxilia na aquisição de habilidades necessárias para participar da construção do novo e quando o computador é um “objeto para pensar com”. Familiarizados com o uso da tecnologia, as crianças interagem facilmente com essa linguagem. (PROPOSIÇÕES CURRICULARES, Belo Horizonte 2009, P. 124)

Continuando o trabalho em sala de aula as crianças ouviram a narrativa sobre Frans Krajcberg, um pintor e artista plástico que mora no Brasil e que também aprecia a natureza. A explanação segue contando a trajetória deste homem que morava em um país bem distante daqui, porém ao conhecer nosso país ele se apaixonou pela nossa natureza e resolveu residir aqui construindo uma casa de madeira para morar. Para ilustrar e dar vida a esse personagem foi utilizado o Datashow para mostrar, além da foto do protagonista da história, sua casa e suas telas com desenhos de folhas e esculturas de madeira. As crianças foram incentivadas a comparar suas próprias fotografias, tiradas durante a atividade externa, com as fotos de Frans Krajcberb. Convidei-as então a exercitar a linguagem plástica. Essa experiência mostra que:

Frequentar exposições de arte é sempre um aprendizado muito rico. Mas, se nem sempre é possível, ver, olhar, contar e mostrar livros de arte, ou mesmo recortes de jornais e revistas para as crianças pequenas são ótimos recursos para discutirmos questões de arte. É sempre prazeroso para a meninada conhecer artistas que trabalham de maneira diversa e com materiais alternativos, como, por exemplo, Franz Krajcberg e seu trabalho com a natureza. [...] desvendar obras de arte contemporânea é um caminho cheio de novas descobertas que invariavelmente provocam discussões envolventes com as crianças pequenas. (PROPOSIÇÕES CURRICULARES, Belo Horizonte 2009, P. 272)

Após a exibição das fotos as crianças receberam uma folha branca tamanho A4 e um pedaço de beterraba. Ao ser manipulada ela soltou uma cor vermelha intensa, semelhante a

cor presente nas obras de Frans Krajcberg. Desenharam livremente e alguns a degustaram. A esse respeito, encontramos a seguinte colocação:

Ter contato com papéis de tamanhos, cores, formas e texturas diferentes, pintar com os dedos; melear-se, lambuzar; usar papel grosso, fino, bucha, espuma ou brochas; ou ainda andar pelo quintal e recolher folhas, pedras, areia, água, formigas e besouros são estratégias importantes que possibilitam pensarmos na arte como lugar de experimentação, da construção de novos conhecimentos. (PROPOSIÇÕES CURRICUALES, Belo Horizonte 2009, p.273)

As crianças repartiram e distribuíram a beterraba entre si, desenharam nas folhas em seu poder e exibiram os seus desenhos. Foi perceptível a alegria e o entusiasmo da classe e sua interação com os elementos utilizados. Todos queriam mostrar seu desenho e explicar os detalhes para a educadora. Para uma melhor organização e evitar conflito entre as crianças a educadora percorreu a sala de aula colocando o nome de cada criança no seu próprio desenho. Constatei neste momento que a próxima linguagem era a escrita.



Fonte: Arquivo de Vanda Aparecida dos Reis. Fotos tiradas pelas crianças da UMEI.

## 5.1.5 LINGUAGEM ESCRITA

As crianças foram dispostas em roda para mais uma atividade. Mostrei a elas as letras do alfabeto em tamanho grande e bastante coloridas. Após a visualização as crianças receberam a informação de que a atividade consistia em identificar na sala de aula algum aluno cujo nome começava com a letra que seria mostrada.

Na educação infantil, um texto importantíssimo é o nome próprio. As crianças se interessam em aprender o próprio nome e também investem bastante na aprendizagem dos nomes dos colegas, do professor, de seus pais, irmãos, entre outros significativos. (PROPOSIÇÕES CURRICUARES, Belo Horizonte 2009, p. 171)

O envolvimento das crianças com a atividade foi imediato. Todas queriam se pronunciar, apontando o colega cujo nome começava com a letra apresentada. Depois de dissecar as informações acerca da relação entre as letras e o nome dos colegas foi iniciada a segunda parte da atividade. Com a ajuda da educadora as crianças foram orientadas a olhar para o próprio corpo e nomear cada parte. As atividades foram desenvolvidas na seguinte ordem: Ainda utilizando a letra do alfabeto as crianças foram informadas que “cabeça” começa com a letra “C” em seguida mostrava a letra “C”. Sequenciando o trabalho todas as partes do corpo nomeadas pelos alunos tiveram suas primeiras letras mostradas. Mediante isso os alunos precisavam apontar o nome dos colegas que começava com a primeira letra da parte do seu corpo. Exemplo: Letícia – Língua, Jaime – Joelho.

Apesar do burburinho que se formou na sala de aula, o que sobressaía era a interação e o comprometimento da turma em participar da atividade. Mesmo os alunos ausentes (faltaram duas crianças no dia) foram lembrados pela turma durante a atividade.

O resultado apresentado foi bastante positivo em relação à descoberta das crianças na linguagem escrita. Porém, a educadora Eliana esclareceu que o trabalho de escrita acontece no dia a dia, começando pelo próprio nome do aluno que fica fixado no painel para que possam observar sempre.

### Alfabeto de Partes do Corpo Humano<sup>7</sup>

#### **Partes do corpo que começam com A:**

Amígdala  
Apêndice  
Ânus  
Abdômen  
Artéria

---

<sup>7</sup> Disponível no site <https://joguestop.wordpress.com/2011/07/07/alfabeto-de-partes-do-corpo-humano/> acessado dia 10/04/2015 as 19h02min.

**Partes do corpo que começam com B:**

Baço  
Braço  
Boca

**Partes do corpo que começam com C:**

Cérebro  
Coração  
Cabeça  
Cabelo

**Partes do corpo que começam com D:**

Diafragma  
Dedos  
Dente

**Partes do corpo que começam com E:**

Estômago  
Estribo  
Esôfago

**Partes do corpo que começam com F:**

Face  
Faringe  
Fígado  
Fêmur  
Falange

**Partes do corpo que começam com G:**

Genitália  
Garganta

**Partes do corpo que começam com H:**

Hormônios

**Partes do corpo que começam com I:**

Intestino

**Partes do corpo que começam com J:**

Joelho

**Partes do corpo que começam com K:**

Knee (Não há, então bote Joelho em inglês ou deixe em branco)

**Partes do corpo que começam com L:**

Língua  
Lábios

**Partes do corpo que começam com M:**

Mão  
Mama  
Músculos

**Partes do corpo que começam com N:**

Nádegas  
Nariz

**Partes do corpo que começam com O:**

Olho  
Ouvido  
Ovário  
Ombros

**Partes do corpo que começam com P:**

Pênis  
Pâncreas  
Perna  
Panturrilha  
Patela

**Partes do corpo que começam com Q:**

Queixo  
Quadril

**Partes do corpo que começam com R:**

Reto  
Rim  
Rádio

**Partes do corpo que começam com S:**

Sangue  
Sacro

**Partes do corpo que começam com T:**

Tornozelo  
Tíbia

**Partes do corpo que começam com U:**

Útero  
Ulna

**Partes do corpo que começam com V:**

Vagina  
Veias  
Vesícula Biliar

**Partes do corpo que começam com W:**

Waist (Cintura em inglês, como não há partes do corpo humano em português)

**Partes do corpo que começam com X:**

Não existem

**Partes do corpo que começam com Y:**

Não existem

**Partes do corpo que começam com Z:**

Não existem

Um dos integrantes da turma era uma menina chamada Yara. Analisando o alfabeto com as crianças elas não conseguiram apontar qualquer parte do corpo humano que começava com a letra “Y”. A explicação para a classe era que existiam outros elementos da natureza como frutas e animais que começam com letras do nosso nome. Para exemplificar foi mostrada a foto de um cão YorkShire que despertou o interesse das crianças.

Para concluir o trabalho de pesquisa sobre a linguagem escrita foi apresentado um bichonário no qual a classe olhava a letra do alfabeto e identificava o animal correspondente, imitando inclusive os sons dos animais.

Neste momento de descobertas e possibilidades infinitas em relação a linguagem escrita ficou perceptível que a próxima a ser trabalhada era a linguagem oral

**5.1.6 LINGUAGEM ORAL**

Levei no pen drive os sons de cachorro, cavalo, galinha, galo, macaco, ovelha, passarinho. Pedi que as crianças ouvissem o som e identificassem o animal. À medida que iam ouvindo o som, eu mostrava a foto do animal para elas para confirmar se tinham acertado. A aluna Isadora (cega) ficou encantada com os sons. Ela os identificava e batia palmas, os pés e dava boas gargalhadas. As outras crianças também compartilharam da alegria dela. Então solicitei às crianças que ouvissem o som, olhassem a foto e não dissessem nada para verificarmos se a Isadora tinha acertado. Foi quase impossível, pois todas queriam participar desse momento tão mágico para nós. Por isso:

É fundamental que as crianças vivenciem, em contextos reais de enunciação, várias experiências significativas de fala, escuta e compreensão da linguagem oral, tais como: Explicar e ouvir explicações, levantar hipóteses, expor e ouvir ideias, opiniões, sentimentos, dúvidas, curiosidades, confrontar ideias e pontos de vista, argumentar. (SALLES & FARIA, 2012, p. 130/1)

No final da atividade eu expliquei que, assim como os animais, nós também nos expressamos através de uma linguagem que é a oral. Solicitei que imitassem um bebê chorando, dessem risadas, cantássemos uma música. Quando fui transcrever o plano de ação percebi que deveria ter contado uma história como forma de enriquecimento, pois de acordo

com as proposições curriculares de Belo Horizonte (2009, p.253) “as narrativas orais estão bem presentes nessa etapa.”

Concluo o trabalho com as linguagens compreendendo que uma linguagem leva a outra, pois segundo as proposições curriculares de Belo Horizonte:

As linguagens não se apresentam isoladamente, fragmentadas. Na prática, elas se interligam e se complementam. Uma atividade proposta traz em si várias linguagens que levam ao desenvolvimento de capacidades, mesmo que, naquele momento, haja uma intencionalidade focada em determinada linguagem. (PROPOSIÇÕES CURRICULARES, Belo Horizonte, 2009. p. 38).

## 5.2 ENTREVISTAS

Foram realizadas entrevistas com as duas educadoras Eliane e Kayala da Umei Lagoa. Ambas trabalham com crianças de três e cinco anos. O objetivo é verificar se elas utilizam os elementos da natureza no seu trabalho.

A aproximação com a natureza é de fundamental importância no dia-a-dia da criança da educação infantil. No entanto, o contato direto com a natureza, dentro ou fora de sala de aula, precisa ser estimulado pelo educador. Considera-se que o contato anterior que a docente teve com a natureza facilita a inserção da mesma no seu cotidiano na escola. A professora Eliane nos descreve com riqueza de detalhes e emoção suas recordações da infância e seu trabalho com as crianças. Ela nos relata que, por diversas vezes, ela utiliza os elementos da natureza para ensinar as crianças, porém ainda não tinha percebido que realizava esse trabalho. A educadora recorda que quando criança, brincava de fazer comidinha com o caroço de abacate, utilizava as latas que eram jogadas no lixo, fazia panelinhas de barro. Picava as folhas de bananeira e imaginando que era carne. Brincava de cinco Marias com pedrinhas, a casca de banana virava bife. Subia em árvores, pegava frutas no pé. As vivências relatadas por ela na entrevista evidenciam como as crianças são curiosas e interessadas por explorar e experimentar novas possibilidades de conhecimento. Durante as brincadeiras elas interagem com os objetos, espaços, professores, outras crianças e pais. Assim vão expressando seu pensamento, se comunicando. Isso é perceptível tanto nas falas que a professora traz relativas ao seu passado, como no modo como as crianças da turma pesquisada fazem uso da natureza.

Em contraposição, a educadora Kayala relata muito brevemente sua experiência com a natureza. Na sua infância gostava de brincar na chuva, pisar na terra, brincar com pedrinhas. Esses momentos foram gratificantes e deseja compartilhar essas experiências com sua filha.

A educadora Kayala esclarece que trabalha com os elementos da natureza, porém sem intencionalidade. Segundo a mesma ela encontra dificuldades no trabalho devido ao espaço físico, porém acredita ser importante desenvolver esse trabalho. Já a educadora Eliane acredita que é importante aproveitar situações que ocorrem no dia a dia como a chuva que pode ser observada pela janela. A mesma enfatiza que deve – se trabalhar no concreto, pois não adianta falar que o dia está chuvoso e a criança não sabe o que é chuvoso. Diz ainda que na UMEI as janelas são amplas sendo possível levar as crianças até lá para ver a chuva caindo, observar raios e ouvir trovões. Isso é importante para as crianças porque nós percebemos o mundo através dos sentidos. Utilizando a visão, audição, tato, olfato e paladar,

a aprendizagem se torna mais significativa. As crianças podem observar as tonalidades das folhas das árvores, textura das plantas, cheiro de terra molhada, sabor das frutas, ouvir o balançar das folhas com o vento.

Ambas as educadoras sabem da importância de trabalhar as múltiplas linguagens por meio da natureza, porém até o momento estão trabalhando sem intencionalidade. A educadora Eliane acrescenta que tudo está interligado e que nós fazemos parte da natureza e que trabalhando os elementos da natureza as crianças passam a respeitá-la. Ela afirma que já realizou atividades debaixo do pé de amora. Na oportunidade foi trabalhada a linguagem corporal, cores e matemática. Uma forma das crianças aprenderem a linguagem matemática é usar sementes, folhas, pedras para medir e contar. Na música ouvir e manipular sons de bambu e do próprio corpo. É possível também trabalhar o corpo e movimento comparando - o com as plantas e suas fases, a linguagem oral ouvindo os sons de animais onde as crianças podem expressar suas ideias e argumentar, na linguagem escrita aprender o alfabeto com o próprio corpo e a linguagem digital se deslocando, observando e fotografando o entorno do prédio da UMEI.

### 5.3 . ESPAÇOS FÍSICOS DA UMEI



Fonte: Arquivo de Vanda Aparecida dos Reis – Parte interna da UMEI



Fonte: Arquivo de Vanda Aparecida dos Reis - Área externa da UMEI

Com o objetivo de verificar de que forma o espaço da UMEI dialoga com a natureza e a existência ou não desses elementos no trabalho realizado na instituição foi feito registro com fotos. Elas nos revelam que as educadoras já têm o hábito de utilizar alguns elementos no seu trabalho. Contudo elas estão utilizando materiais artificiais como flores de papel crepom, borboletas de papel cartão, abelhas de emborrachados. Em alguns casos utilizou – se feijão cru e o carimbo com a mão da criança. Uma vez que o contexto geográfico da Umei Lagoa é cercado pela natureza esses recursos podem ser substituídos. Lá é possível encontrar pés de bambu, amora, manga, urucum, banana, ameixa e jambolão. Além disso, várias plantas estão dispostas nos corredores. O parquinho local onde as crianças têm acesso para brincadeiras é de terra permitindo a manipulação de barro e diversas árvores para descanso em sua sombra. Podem aproveitar esses momentos de brincadeiras ao ar livre para apreciarem as nuvens, o céu e os pássaros que pousam na grama em busca de descanso. E está sendo construída uma horta com diferentes legumes e hortaliças.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema desta monografia foi o trabalho com as múltiplas linguagens por meio da natureza na educação infantil. Cheguei à conclusão que é possível utilizar a natureza para trabalhar com as múltiplas linguagens na educação infantil, porque as crianças aprenderam, se envolveram ao explorarem os vários elementos da natureza despertando nelas a curiosidade e o interesse. Contribuiu para isso também o fato da natureza ser um recurso que está ao alcance de todos. Na UMEI Lagoa, por exemplo, existe um contexto geográfico cercado pela natureza. Lá é possível encontrar pés de bambu, amora, manga, urucum, banana, ameixa e jambolão. Além disso, possui várias plantas dispostas nos corredores e um parquinho onde as crianças têm acesso à terra permitindo - as manipular barro. Conta ainda com diversas árvores para descanso em sua sombra ofertando condições da criança observar o céu, as nuvens e sentir o balançar das folhas.

Outro fator foi à utilização dos sentidos sensoriais com a manipulação de vários elementos da natureza com diferentes cores, cheiros, texturas e sons. O trabalho com material concreto despertou o interesse e envolvimento das crianças que participaram ativamente das atividades realizadas.

Foi proposto as crianças a exploração de elementos da natureza trabalhando as linguagens matemática, corpo e movimento, música, digital e plástica, escrita e oral. Eles exploraram diversos elementos da natureza para aprender essas linguagens como: Cabaça, pinhas, pedras, pedaços de bambu, paus de canela, pedaços de madeira, várias sementes de olho de boi, várias bolinhas de madeira, várias folhas secas e verdes, semente, água, terra, sons de animais e o próprio corpo.

Foram identificadas de que forma o espaço da UMEI dialoga com a natureza e a existência ou não desses elementos no trabalho realizado na instituição através do registro com fotos. Acabou por se revelado que todo o entorno do prédio tem a presença da natureza e que as professoras já tem o hábito de utilizar alguns elementos no seu trabalho. Porém os mesmos estão sendo confeccionadas com materiais artificiais como flores de papel crepom, borboletas de papel cartão, abelhas de emborrachado. Em alguns casos utilizou – se feijão cru e o carimbo com a mão da criança.

Observei as reações das crianças ao manipular e explorar os diferentes elementos da natureza. Houve envolvimento, entusiasmo e descobertas. Compartilharam experiências e a aprendizagem.

Verifiquei e registrei através de entrevista se já existia ou não o uso dos elementos da natureza no trabalho realizado na UMEI lagoa. Chegando à conclusão que em vários momentos são utilizados, porém sem intencionalidade.

Esse trabalho é importante porque o contato direto com a natureza, dentro ou fora de sala de aula, precisa ser estimulado pelo educador. Na maioria das vezes, estamos acostumados apenas a falar da natureza e de sua importância na vida dos seres humanos e na sociedade, mas não levamos às crianças a tocarem, a sentirem, a mexerem e aproveitar os recursos que a natureza nos proporciona. Esse recurso pode ser utilizado por outros educadores por que existem elementos da natureza em toda parte e por não ter custo algum. E uma vez que as linguagens estão interligadas entre si o educador pode utilizar determinado elemento da natureza para trabalhar somente uma linguagem e utilizar o mesmo elemento em outro momento para trabalhar outras linguagens.

Aprendi nesse trabalho que na prática enquanto professora do ensino fundamental, é possível enriquecer os conteúdos a serem ministrados, utilizando o que tem ao nosso redor. A natureza passa a ser um recurso pedagógico e não mais uma paisagem ou um cenário nem sempre observado.

## 7. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARIÈS, Philippe. **A História Social da Infância e da Família**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BELO HORIZONTE (MG). **Desafios da Formação** - Proposições Curriculares - Educação Infantil – Rede Municipal de Educação e Creches Conveniadas com a PBH. Belo Horizonte, MG: SMED, 2009.

BELO HORIZONTE (MG). **Desafios da Formação** - Proposições Curriculares - Educação Infantil – volume 1 - Belo Horizonte, MG: SMED, 2013.

BRASIL. **Estatuto da criança e do Adolescente. Brasília. Lei 8069**, 13 de julho 1990. Constituição e Legislação relacionada. São Paulo. Cortez.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF. 1998.

CARDOSO, Bruna. **Práticas de linguagem oral e escrita na educação infantil**. São Paulo. Editora Anzol, 2012.

CARVALHO, Marcos Bernardino de. **O que é Natureza?** 3ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

FARIA, Vitória & SALLES, Fátima. **Currículo na Educação Infantil: Diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica**. 2ed. São Paulo: Ática, 2012.

FREITAS, Amanda Fonseca Soares. **Corpo e movimento na educação infantil**. Editora da UFSE, 2009.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas na educação infantil**. In: I Seminário Nacional Currículo em Movimento. Perspectivas Atuais, UFMG, Belo Horizonte, 2010. V. 1.

GORDON, Mike & GREEN, Jen. **Por Que Proteger a Natureza?** – Aprendendo sobre Meio Ambiente. São Paulo: Scipione, 2004. (Coleção Valores).

MANTOVANI, Waldir. **Relação homem e natureza: raízes do conflito**. Revista Gaia Scientia, 2009.

MORIMOTO, Clayson & SALVI, Rosana Figueiredo. **As percepções do homem sobre a natureza**. Universidade Estadual de Londrina – UEL, 2012.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 3ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SPRINGER, Kalina Salaib. **Concepções de natureza na geografia**: Reflexões a partir da produção científica do PPGG - UFPR. Curitiba. Março de 2008.

TIRIBA, Lea. **“Crianças, natureza e educação infantil”**. Tese de doutorado, departamento de educação, PUC – Rio, 2005.

TIRIBA, Lea. **Crianças da Natureza**. In Consulta Pública, Ministério da Educação e do Desporto. Coordenadoria de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 2010.

## **8. ANEXOS**

### **ENTREVISTA 01**

#### **1. Dados Pessoais:**

**1.1 Nome:** Eliane Cristina Rodrigues Alves Rafael

**1.2 Idades com a qual trabalha:** três e cinco anos

**2. Qual a sua formação?** Pedagogia

#### **3. O que entende por elementos da natureza? Cite exemplos.**

Por elementos da natureza eu entendo o ar, as arvores, o sol as nuvens, a terra o cheiro de terra molhada quando chove. O perfume das flores, os pássaros, a calma que a natureza tem com o balançar das folhas. Acho que é tudo.

#### **4. Quando criança você vivenciava experiências em contato com os elementos da natureza? De que forma? Se sim, que recordações elas lhe trazem?**

Sim. Brincava de fazer comidinha com o caroço de abacate, com as latas que eram jogadas no lixo, fazia panelinhas de barro. Picava as folhas de bananeira e falávamos que era carne. Brincávamos de cinco Marias com pedrinhas. A casca de banana que virava bife. O que mais! Subia em arvores, pegava frutas no pé. Eu tive muito contato com a natureza.

#### **4.1 Que recordações elas lhe trazem?**

Nossa! Só coisas boas. A gente brincava na inocência. Naquele contato com a natureza parece que a gente se sentia protegido por que nos brincávamos muito na casa da minha tia. Ela tinha seis filhos e os sobrinhos que iam a casa dela. Ninguém se machucava. Todos brincavam. Era muito tão tranquilo e com interação. Parece que se a gente ficar no meio da natureza há paz e harmonia. Eu percebo isso agora. Teve um dia desses que as crianças estavam muito agitadas então eu as levei para debaixo daquela arvore ali (se referindo a uma árvore frondosa que tem na parte de trás da UMEI). Coloquei o lego e parece que a sombra da arvore os acalmou.

#### **5. Você utiliza os elementos da natureza para trabalhar as linguagens? Se sim, de que forma? Qual o envolvimento das crianças?**

Eu particularmente não estou achando dificuldade não. Sempre trabalhei em escola particular embora seja nova na rede. Tenho dois anos só. Estou achando bem bacana trabalhar no concreto. É importante que as crianças valorizem o que é nosso. Toda a natureza. Preservar a natureza por que nós fazemos parte dela. Como a gente ficou sem chuva estava preocupante para todo mundo. Quando começou a chover eu falei para as crianças - Vamos chegar à janela? Vamos agradecer a Deus? Olha que benção a chuva. Eu mostrei a elas como as plantinhas estavam felizes. Essa experiência é muito boa. Não adianta falar que o dia está chuvoso e a criança não sabe nem o que é chuvoso. Aqui na UMEI as janelas são bem amplas sendo possível levar as crianças até a janela para ver a chuva caindo. Então eu falei para agradecer a Deus por mandar chuva e que era uma delícia aquela chuva. Dá para ouvir o trovão. Quer dizer, eu particularmente estou amando. E eles correspondem muito bem quando você trabalha no concreto. Eu particularmente eu amo. Eu acho bem bacana sair da sala para trabalhar com as crianças. Elas ficam mais calmas. Eu não acho dificuldade não. Quando fomos para debaixo da árvore percebemos que tinha um pé de amora. Ai perguntei as crianças. - O pé está cheio ou vazio? Muitos queriam pegar a amora e apertar. Então eu disse: - Observe. Ela é como nós se apertar machuca. Apertei o braço para elas verem que machuca. Às vezes quando vamos ao parquinho eles enchem a boca de água e joga na terra. Faz bolo de terra dizendo que é de chocolate. Outro dia na turma de cinco anos eles falaram que rosa é cor de menina. Levei-os até a janela mostrei – lhes uma flor e argumentei que rosa é cor da natureza, cor de flor.

**6. Quais as dificuldades encontradas na prática para se utilizar os elementos da natureza para trabalhar as linguagens? Que eu me lembre de nenhuma.**

**7. Em sua opinião, qual a importância de utilizar os elementos da natureza para trabalhar as múltiplas linguagens?**

Eu acho importante porque através da utilização da natureza as crianças aprendem a respeitar a natureza. Aprende a respeitar o outro. Aprendem valores mesmo. Por que tudo está interligado a gente faz parte da natureza. E as múltiplas linguagens estão envolvidas com isso tudo. Até pular corda ao ar livre. Estou até arrepiando. (Professora começa a chorar de emoção).

**8. O tema natureza está presente no currículo ou no projeto pedagógico da escola?**

Não posso responder, pois a escola ainda não tem PPP.

## **ENTREVISTA 02**

### **1. Dados Pessoais:**

**1.1 Nome:** Kayala Cristina Silva Miranda

**1.2 Idades com a qual trabalha:** três e cinco anos

**2. Qual a sua formação?** Normal Superior

**3. O que entende por elementos da natureza? Cite exemplos.**

Solo, água, sol, ETC

**4. Quando criança você vivenciava experiências em contato com os elementos da natureza? De que forma? Se sim, que recordações elas lhe trazem?**

Sim. Eu gostava de brincar na chuva, pisar na terra, brincar com pedrinhas. Que eu me lembre é só.

**4.1 Que recordações elas lhe trazem?**

Boas. Recordações muito boas. Coisas que eu quero para passar para minha filha por exemplo.

**5. Você utiliza os elementos da natureza para trabalhar as linguagens? Se sim, de que forma? Qual o envolvimento das crianças?**

Sim. Mas de uma forma involuntária. Não de uma forma “tipo” eu vou pegar os elementos da natureza e vou trabalhar. Às vezes a gente trabalha e nem percebe. Por exemplo: perguntar as crianças: Como está o tempo hoje? Está chovendo? Está com sol? Ou usar pedrinhas para fazer chocalho. Para ouvir o barulhinho. As crianças gostam e se envolvem.

**6. Quais as dificuldades encontradas na prática para se utilizar os elementos da natureza para trabalhar as linguagens?**

Às vezes falta alguma coisa no espaço físico da escola. Por exemplo: chove e a gente não pode ir lá fora curtir aquele momento. Essas coisas assim.

**7. Em sua opinião, qual a importância de utilizar os elementos da natureza para trabalhar as múltiplas linguagens?**

Eu acho importante, por exemplo, a musicalidade. O barulhinho que a chuva está fazendo. Pode – se fazer música, a criança pode sentir aquilo ali.

**8. O tema natureza está presente no currículo ou no projeto pedagógico da escola?**

Não. Por que o PPP não está pronto ainda. Mas é uma coisa que a gente vai sugerir para que tenha.